

## O FEMININO DE FREUD A LACAN: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO DORA

### NO SEMINÁRIO 3

Victoria dos Passos Baechtold<sup>1</sup>

George Miguel Thisoteine<sup>2</sup>

Leonardo Silveira Rodrigues<sup>3</sup>

Andre Luiz Gellis<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

O *caso Dora*, marcou um ponto crucial para a psicanálise, sendo o primeiro caso clínico detalhadamente analisado por Freud após a sua criação (Lyra, 2013). Aos dezoito anos, Dora iniciou seu tratamento com o psicanalista austríaco em 1900, apresentando uma constelação de sintomas. Freud (1996) classificou o quadro como uma histeria comum e menos grave que outros casos da literatura médica da época.

No *Seminário 3: As Psicoses*, ministrado de 1955 a 1956, Jacques Lacan (1985) revisita o *caso Dora*, que se torna eixo crucial pelo qual poderá desenvolver suas próprias concepções sobre a histeria, o feminino e o corpo nesse ano de ensino.

Lacan aborda Dora não meramente como um caso clínico, mas como uma experiência dialética que revela a verdade do sujeito através de inversões dialéticas (Laznik, 2008).

Uma das principais contribuições de Lacan ao reler Dora é sua crítica à abordagem inicial de Freud. Ele aponta que Freud, em seu erro técnico, priorizou a questão do objeto de desejo para Dora, especialmente a suposta paixão pelo Sr. K, e não considerou a duplicidade subjetiva da paciente ou seu apego homossexual à Sra. K (Lyra, 2013). Para Lacan, Freud se perguntou o que Dora deseja antes de se perguntar quem deseja em Dora (Laznik, 2008). Este erro de Freud sublinhou a dimensão erótica da transferência e os limites do saber analítico diante do feminino (Corrêa, 2021).

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp/Bauru, [victoria.baechtold@unesp.br](mailto:victoria.baechtold@unesp.br).

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp/Bauru, [leonardo.silveira@unesp.br](mailto:leonardo.silveira@unesp.br).

<sup>3</sup>Bacharel em psicologia (Unesp - Bauru), Mestre em Educação Sexual (Unesp - Araraquara), atualmente aluno regular do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, [george.thisoteine@unesp.br](mailto:george.thisoteine@unesp.br)

<sup>4</sup>Professor Doutor do Departamento de Psicologia Unesp - Bauru, [andre.gellis@unesp.br](mailto:andre.gellis@unesp.br).

Dora, em sua tentativa de apreender o que significa ser mulher e de escapar desse mistério, recorre a identificações masculinas (Corrêa, 2021).

Lacan observa que a imagem especular de Dora (i(a)) se constituiu inicialmente a partir de seu irmão mais velho e, posteriormente, do Sr. K, servindo como seu eu ideal (*je*) (Laznik, 2008). Ao se identificar com o homem portador do pênis (Sr. K), Dora tentava apreender o que lhe escapava simbolicamente em sua própria feminilidade (Costa; Britto, 2018). Essa posição a levava a desejar a Sra. K "do lugar do homem" (Laznik, 2008, p. 106).

Em suma, a releitura de Dora no Seminário 3 permite a Lacan estabelecer que a histeria, ao interrogar o que é uma mulher (Laznik, 2008), expõe os limites do significante fálico e a incompletude simbólica do feminino (Corrêa, 2021), propondo uma clínica orientada pela escuta do inconsciente como linguagem e pelas complexas dinâmicas de identificação e desejo que transcendem a simples relação de objeto (Campos, 2022). Dora, com seu sintoma e seu abandono do tratamento (Corrêa, 2021), se torna a professora que ensina sobre a resistência à simbolização e o enigma persistente do feminino.

A partir da releitura de Lacan, abre-se a possibilidade de discutir o caso Dora em diálogo com problemáticas contemporâneas sobre gênero. Isso porque, ao encenar recusas, resistências e identificações que desafiam os modelos tradicionais de feminilidade de sua época, Dora pode ser compreendida como uma figura que questiona normas de gênero e coloca em evidência a dimensão discursiva e relacional da identidade (Rosa; Heuser, 2022). Tal perspectiva permite articular a psicanálise, em especial a leitura lacaniana, com reflexões atuais sobre a construção social do gênero, oferecendo subsídios para pensar impasses subjetivos que se repetem no contexto contemporâneo.

Este trabalho tem, portanto, como objetivo apresentar um levantamento de artigos que abordam o Caso Dora a partir de uma leitura lacaniana, buscando compreender de que modo tal perspectiva contribui para a reflexão sobre gênero e subjetividade. Para tanto, realiza-se uma revisão bibliográfica que inclui sete artigos que articulam o Caso Dora à Lacan, principalmente no *Seminário 3: As Psicoses*. A discussão articula três eixos principais: a caracterização do caso em Freud; a releitura lacaniana e o *Seminário 3: As Psicoses*; e a problematização do gênero como construção discursiva. A partir desse percurso, as considerações finais apontam que a psicanálise permanece atravessada por enigmas — especialmente da feminilidade e do gozo —, exigindo releituras e novas pesquisas que, do caso Dora às psicoses, impulsionam a reinvenção teórica e clínica.

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho de natureza qualitativa, de caráter descritivo-exploratório (Gil, 2002) foi desenvolvido como uma revisão narrativa de literatura (UNESP, 2015), com o objetivo de aprofundar a compreensão da releitura que Jacques Lacan fez do *caso Dora* e suas vastas implicações para a psicanálise, especialmente no que concerne às intersecções entre histeria, feminino e corpo. A abordagem metodológica empregada concentrou-se na análise criteriosa de fontes secundárias, que exploram a relação entre o Fragmento da Análise de um Caso de Histeria, de 1905 (caso Dora), de Freud e as elaborações de Lacan, notadamente as apresentadas no *Seminário 3: As Psicoses* (1985).

O percurso metodológico seguiu as etapas de levantamento bibliográfico inicial, critérios de seleção e refinamento e inclusão que geraram o corpus final que foi a base das análises apresentadas.

Para tanto, foram utilizados os descritores boelianos “caso Dora” e “Seminário 3 Lacan” em bases de dados e plataformas acadêmicas pertinentes à psicanálise e campos correlatos.

A partir disso, os critérios de inclusão privilegiaram materiais que apresentaram menções ao "caso Dora" e ao "Seminário 3" simultaneamente.

Esse processo de refinamento resultou na seleção de seis artigos que se destacaram pela profunda consonância com a relação que se buscou investigar. A partir deste corpus final, o objetivo central da metodologia foi não apenas sintetizar as informações, mas também integrar criticamente as diversas perspectivas apresentadas, a fim de evidenciar as nuances da compreensão lacaniana sobre a feminilidade, os desafios que ela impõe ao saber psicanalítico, e sua pertinência para dialogar com problemáticas contemporâneas sobre gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES A Caracterização do Caso em Freud: Dora e os Limites do Saber Psicanalítico

A dinâmica familiar era central para o caso (Corrêa, 2021). Dora nutria uma afeição especial pelo pai, um industrial doente e figura dominante em sua vida. O desencadeamento de sua neurose foi diretamente ligado à amizade íntima da família com o casal K., onde

Dora se sentia como objeto de troca: oferecida ao Sr. K. enquanto seu pai mantinha um relacionamento com a Sra. K. (Lyra, 2013). Freud (1996) interpretou esse cenário como ciúme do pai e um amor não reconhecido pelo Sr. K., sugerindo identificações de Dora com sua mãe ou com a própria Sra. K., assumindo um comportamento de esposa ciumenta.

Um evento anterior, o incidente do beijo com o Sr. K. aos catorze anos, no qual Dora reagiu com repugnância, foi considerado por Freud como um trauma sexual que atestava seu caráter histérico (Lyra, 2013). Esse evento reverberou em sintomas como pressão na parte superior do corpo e a evitação dos homens. A análise dos sonhos revelou fantasias marcantes. No primeiro (do incêndio e da caixa de jóias), Freud interpretou a caixa como os genitais femininos e o incêndio como temor de uma relação com o Sr. K. O segundo sonho trouxe fantasias de vingança contra o pai, defloração e parto simbólico (Lyra, 2013).

O término do tratamento, após a análise do segundo sonho, foi um erro técnico de Freud (Corrêa, 2021). Ele reconheceu, no posfácio do caso, que falhou em não ter dado "atenção suficiente" à transferência e ao impulso amoroso de Dora pela Sra. K. Essa falha foi também atribuída a uma limitação do alcance dos conhecimentos de Freud sobre a psicologia de homossexuais e histéricos (Lyra, 2013). Assim, Dora, ao abandonar a análise, pôs em evidência os limites do saber psicanalítico da época diante da complexidade da feminilidade (Corrêa, 2021).

### A Releitura Lacaniana e o Seminário 3: As Psicoses

No Seminário 3 de Jacques Lacan, dedicado às psicoses (1955-1956), o caso Dora de Freud é retomado em duas lições específicas para comparar a psicose com a histeria e aprofundar a compreensão da posição feminina (Corrêa, 2021). Lacan redireciona a análise, que havia sido relatada por Freud em 1905, para o enigma central da feminilidade, formulando a questão: O que é ser uma mulher? (Laznik, 2008). Os sonhos de Dora são considerados cruciais para esclarecer essa indagação.

Lacan aponta o erro técnico de Freud ao focar excessivamente no objeto de desejo de Dora, questionando o que Dora deseja antes de se perguntar quem deseja em Dora, negligenciando a duplicidade subjetiva da paciente (Laznik, 2008). Essa limitação do conhecimento freudiano sobre a psicologia da histeria e dos homossexuais é enfatizada por Lacan (Lyra, 2013).

Uma das principais contribuições de Lacan nesse seminário é a constatação de que não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal (Campos, 2022). O registro

imaginário, nesse sentido, oferece apenas uma ausência. Diante dessa falta de um significante para o feminino, Dora recorre à identificação imaginária com o homem portador de pênis (Sr.

K.) como um instrumento imaginário para apreender o que ela não chega a simbolizar sobre o que significa ser mulher (Laznik, 2008). Isso marca o início da elaboração lacaniana sobre a teoria do falo, concebido em seu valor significante e simbólico.

A Sra. K. assume um papel crucial nessa releitura, encarnando o mistério da feminilidade corporal para Dora, um enigma que a própria Dora tentava decifrar e do qual buscava escapar (Laznik, 2008). Lacan nota que a histérica ama por procuração, com um objeto homossexual, abordado por identificação com alguém do sexo oposto (Laznik, 2008). Dora se identificava com figuras masculinas - seu pai, o Sr. K., seu irmão e até mesmo Freud - na tentativa de lidar com esse mistério. O *moi* (ego imaginário) de Dora é identificado com o Sr. K., e os homens para ela são cristalizações possíveis de seu eu (*moi*) (Laznik, 2008).

Lacan também aborda a dissimetria do Complexo de Édipo para a mulher, argumentando que a realização do sexo feminino se dá por identificação com o objeto paterno, o que implica um desvio suplementar em comparação com o homem (Campos, 2022). A histeria, segundo Lacan, seria uma estrutura clínica que, ao mesmo tempo em que busca nomear o feminino, "denuncia os limites das respostas possíveis a esse enigma" (Costa; Britto, 2018, p. 38).

A distinção entre o *moi* (eu imaginário) e o *je* (sujeito do inconsciente) é fundamental nessa análise, permitindo a Lacan afirmar que, embora Dora possa ter uma imagem masculina para seu *moi*, isso não significa que seu ser-sujeito seja masculino (Laznik, 2008). Para Lacan, a clínica da histeria foi um guia essencial para suas interrogações e invenções teóricas sobre a obra de Freud (Laznik, 2008). Dora, com suas questões, apesar de não produzir um delírio psicótico, mostrou a falha do significante na compreensão da feminilidade e a importância da identificação imaginária na constituição do sujeito histérico.

### **A Problematização do Gênero como Construção Discursiva**

A discussão lacaniana do caso Dora se expande para uma profunda problematização do gênero, centrada na enigmática pergunta: O que quer uma mulher? (Laznik, 2008). Lacan afasta-se da interpretação freudiana da inveja do pênis, propondo que a feminilidade está

ligada à incompletude simbólica e à "inexistência de um significante complementar ao falo ('A Mulher')" (Costa; Britto, 2018, p. 21).

A concepção do inconsciente estruturado como linguagem (Costa; Britto, 2018) oferece as bases para compreender o gênero como uma construção discursiva. A sexualidade, nesse sentido, é "efeito da historicização e da introdução da lei" (Campos, 2022, p. 366). A distinção dos sexos não é meramente biológica, mas se fundamenta na assimetria dos significantes e na inserção simbólica deles no mundo. A psicanálise, especialmente na leitura lacaniana, afasta-se de visões naturalizantes, afirmindo que o sujeito do inconsciente não tem sexo, ele é o sexo, a divisão, o corte. A oposição de significantes como homem e mulher é fundamental para a estruturação subjetiva e organiza o discurso, não se limitando a uma correspondência natural (Campos, 2022).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As considerações finais do levantamento indicam a persistência de enigmas na psicanálise, exigindo novas pesquisas. A feminilidade se mantém como um enigma que transcende a simbolização fálica, impulsionando a busca por concepções do gozo Outro e o reconhecimento da posição não-toda fálica.

O caso *Dora* ilustra os limites da transferência e a falha em compreender o desejo feminino, demandando releituras sobre as implicações da feminilidade no laço analítico. Na clínica das psicoses, a foracção e a lógica do delírio persistem como problemáticas, abrindo caminho para investigar a estabilização pela escrita e arte. Tais áreas apontam para a contínua reinvenção da teoria e clínica psicanalíticas.

**Palavras Chaves:** Psicanálise, Feminilidade, Histeria, Gênero, Lacan.

## **REFERÊNCIAS**

CAMPOS, Pablo Aguilera. **As psicoses no Seminário 3 de Lacan: a clínica orientada pelo significante.** 2022. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

CORRÊA, Hevellyn Ciely da Silva. Considerações sobre feminino e transferência: do caso Dora ao não-todo fálico. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e10248>. Acesso em: 26 ago. 2025.

COSTA, Carlos Alberto Ribeiro; BRITTO, Renata Gonçalves de. Histeria, feminino e corpo: elementos clínicos psicanalíticos. **Analytica: Revista de Psicanálise**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 12–24, jul./dez. 2018.

FREUD, Sigmund. Fragmento de uma análise de um caso de histeria. In: FREUD, Sigmund.

**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAZNIK, Marie-Christine. Breve relato das idéias de Lacan sobre a histeria. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 30, n. 55, p. 15–34, jun. 2008. Acesso em: 26 ago. 2025.

LYRA, Carlos Eduardo de Sousa. O “caso Dora” no século XXI: reflexões sobre a teoria e a técnica psicanalíticas. **Revista Vozes**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 173–187, jan./jun. 2013.

ROSA, Miriam Izolina Padoin Dalla; HEUSER, Ester Maria Dreher. “O que quer uma mulher?”: uma experiência parrhesiástica em torno dos enigmas da feminilidade. **Revista Alamedas**, v. 12, n. 2, 2024. e-ISSN 1981-0253.

UNESP. Faculdade de Ciências Agronômicas. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. Tipos de revisão de literatura. Botucatu, 2015. Disponível em:  
<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisão-de-literatura>. Acesso em: 26 ago. 2025.